

Exercitando

- Leia o texto a seguir.

Ezra Pound classifica os poemas em três tipos fundamentais:

- aqueles em que predomina a fanopeia: imagens, comparações, metáforas;
- aqueles em que predomina a melopeia: música, mesmo dissonante ou antimúsica;
- aqueles em que predomina a logopeia: “dança das ideias entre as palavras”.

Você pode encontrar até as três características num mesmo poema.

A logopeia tende a beirar a prosa. É a similaridade caminhando rumo à contiguidade, o ícone rumo ao símbolo, o analógico rumo ao lógico.

- 01.** Com base nas informações anteriores, assinale a opção em que a estrofe em destaque foi classificada corretamente, de acordo com Ezra Pound:

A) Logopeia:

Longe de prata semeava a seara...

Oscar Rosas, 1862-1925

B) Fanopeia:

*Maria Magdá, debutante de maio,
esmaga um rouxinol na axila depilada,
e Fred (Frederico) e Ted (Teobaldo)
defloram seu batom nas tardes de Eldorado.*

Haroldo de Campos

C) Melopeia:

*Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti, afinal.*

Fernando Pessoa

D) Fanopeia

*Me sinto perdida
no meio da noite
da noite tão triste
tão triste de ver
de ver que não vejo
você meu desejo
desejo tão triste
tão triste de ter.*

Aloysio Figueiredo e J. M. Costa. Gravação de Maysa

E) Fanopeia:

*E que prazer o meu! que prazer insensato!
– pela vista comer-te o pêssego do lábio,
e o pêssego comer apenas pelo tato.*

Gilka Machado

- O texto que vem a seguir é um fragmento da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Leia-o para resolver a questão **02**.

AUTO DA COMPADECIDA

CHICÓ: Mas, padre, não vejo nada de mau em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO: No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não benzeu?

PADRE: Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ: Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE: É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO: É, Chicó, o padre tem razão.

Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO: Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO: Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE: (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO: (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE: (a Chicó) Você o que é que acha?

JOÃO GRILO: (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ: Eu não acho nada de mais.

PADRE: Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

Ariano Suassuna. Teatro moderno; *Auto da compadecida*. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir/INL 1971. p. 32-4.

- 02.** Como se sabe, Ariano Suassuna é um escritor católico. Sobre sua religiosidade assim se manifesta o crítico Sábado Magaldi: “(sua religiosidade) pode espantar aos cultores de um catolicismo acomodaticio, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira”. Confrontando essa passagem do crítico com o texto lido, podemos afirmar que:

- o comportamento do padre é apresentado como exemplo daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira.
- os padres que se conduzem por uma fé verdadeira não procederiam como procedeu o padre neste fragmento de Ariano Suassuna.
- na verdade, o procedimento do padre neste fragmento é apresentado para ilustrar como os padres são vítimas da falta de autenticidade dos seus paroquianos.
- João Grilo e Chicó representam aqueles católicos que, por não procederem de acordo com a fé verdadeira, tentam envolver o padre em uma cilada.
- neste fragmento não está implícita nenhuma crítica aos padres, mas à figura do coronel nordestino, às suas artimanhas.

- O texto que segue é o capítulo LXVIII do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O VERGALHO

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

- Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!
- Meu senhor! gemia o outro.
- Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

- É, sim, nhonhô.
- Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

- Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Ática, 1995. p. 100-1.



03. Levando em conta o texto na sua totalidade, podemos dizer que nele:

- o narrador ironiza, com certo amargor, o procedimento do seu ex-escravo.
- Prudêncio, a julgar por esse espetáculo, é tão severo com o seu escravo quanto com o seu ex-senhor.
- o narrador apresenta plenas justificativas para o mau comportamento do seu ex-escravo.
- o narrador tenta explicar os motivos que levam um homem a odiar outro.
- o narrador se mostra surpreso com a reação do homem chicoteado perante as vergalhadas de seu senhor.

- Leia as letras de música a seguir para responder à questão seguinte.

PRA QUE MENTIR?

Vadico e Noel Rosa

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir
Pra quê? Pra que mentir,
Se não há necessidade
De me trair?



Pra que mentir
Se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir, se eu sei
Que gostas de outro
Que te diz que não te quer?

Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu sei
Que tu não gostas de mim?
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido?

Noel – Songbook, CD *Lumiar Discos*, 1991.

DOM DE ILUDIR

Caetano Veloso

Não me venha falar da malícia
de toda mulher,
Cada um sabe a dor e a delícia
de ser o que é.
Não me olhe como se a polícia
andasse atrás de mim.
Cale a boca, e não cale na boca
notícia ruim.
Você sabe explicar
Você sabe entender, tudo bem.
Você está, você é, você faz,
Você quer, você tem.
Você diz a verdade, e a verdade
é seu dom de iludir.
Como pode querer que a mulher
vá viver sem mentir.



Meu nome é Gal. CD 83684-2, PolyGram, 1988.

Pelo conhecimento que se tem da vida de Noel Rosa, sabe-se que a composição “Pra que mentir?” foi motivada por uma de suas relações amorosas, talvez a mais marcante de toda a sua agitada vida passiona. Ceci, que Noel conheceu no cabaré Apollo, Rio de Janeiro, numa festa de São João, e de quem nunca mais se desligou, é a fonte de inspiração dessa canção de parceria com Vadico.

Na ocasião em que Noel compôs a música, Ceci dividia seu coração com ele e Mário Lago, o famoso compositor de “Saudades da Amélia”. Apesar de Ceci não confessar para Noel o novo romance, ele já sabia de tudo, pois a conhecia pelo olhar, pelo tom de voz e lhe dizia com frequência: “Você ainda não aprendeu a mentir ...”.

04. O confronto dos dois textos permite-nos afirmar que:
- A) a mulher desqualifica e contesta o que lhe diz o homem em “Pra que mentir?”.
 - B) segundo a personagem masculina, a mulher não teria necessidade de mentir se de fato soubesse o que é amar.
 - C) em “Dom de iludir”, a mulher responde ao homem que ele também mente sem necessidade de ocultar a infidelidade.
 - D) não há verdade nem mentira quando se ama.
 - E) em “Dom de iludir” a mulher não reconhece que ela também se ilude.

O CURURU

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semiescuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido. Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades. Vozes roucas, foi-não-foi, tãs-tãs, bum-buns, choros, esgoelamentos finos de rãs, acompanhamentos profundos de sapos, respondiam-se.

Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d’água. (...) Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vagalumes. Um sapo cururu grelou-os (1) e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados, presos naquela boniteza luminosa. Os dois olhos fosforescentes se aproximavam mais e mais, como dois pequenos holofotes na cabeça triangular da serpente. O sapo não se movia, fascinado. Sem dúvida queria fugir; previa o perigo, porque emudecera; mas já não podia andar, imobilizado; os olhos feiíssimos, agarrados aos olhos luminosos e bonitos como um pecado. Num bote a cabeça triangular abocanhou a boca imunda do batráquio. Ele não podia fugir àquele beijo. A boca fina do réptil arreganhou-se desmesuradamente; envolveu o sapo até os olhos. Ele se baixava dócil entregando-se à morte tentadora, apenas agitando docemente as patas sem provocar nenhuma reação ao sacrifício. A barriga disforme e negra desapareceu na goela dilatada da cobra. E, num minuto, as perninhas do cururu lá se foram, ainda vivas, para as entranhas famélicas. O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores.

Jorge de Lima. *Calunga; O Anjo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

(1) **Grelar**: fitar profundamente os olhos em.

05. Como se sabe, depreende-se o significado das figuras pelo contexto em que elas aparecem, pelas correlações estabelecidas entre as diferentes figuras espalhadas pelo texto. Levando em conta esse dado, assinale a alternativa em que é adequada a relação entre as figuras transcritas e o tema a que estão associadas.
- A) “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semiescuridão.” O trecho pode ser considerado como a figurativização do tema da sedução.
 - B) “Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum!” Trata-se da figurativização do tema da dominação primária, sem nenhuma estratégia de sedução.
 - C) “Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades.” É a figurativização do tema da alegria, do canto, da confraternização.
 - D) “Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d’água.” Pode-se interpretar como a figurativização do tema da tentação pela ameaça.
 - E) “Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vagalumes.” É a figurativização do tema da transparência, da verdade plena.

- As questões que vêm a seguir foram elaboradas com base nos dois textos abaixo transcritos. O primeiro é um fragmento extraído do romance *Diva*, de José de Alencar; o segundo, um trecho do romance *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo.

TEXTO I

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para a sua celeste ascensão.

José de Alencar. *Diva*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 18.

TEXTO II

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas sutis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor-de-rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guarnecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebicado, beiços polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo cofiado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

Aluisio Azevedo. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992. p.78.

06. O confronto entre os dois textos permite-nos concluir que:
- A) o texto I focaliza a mulher como algo mais para ser admirado do que tocado.
 - B) a personagem feminina delineada no texto II excita mais os sentimentos da alma do que os apetites do corpo.
 - C) em ambos os textos a feminilidade vem figurativizada com objetividade e equidistância.
 - D) ambos os textos focalizam a mulher sob o ponto de vista de um olhar feminino.
 - E) em nenhum dos dois textos a mulher é focalizada como objeto de cobiça que excita os sentimentos carnis do homem.

07. Leia este trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

“Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar.”

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 146.

Nesse trecho, mostra-se que:

- A) as dores morais se superam, enquanto o que atinge o físico pode ser irreversível.
 - B) o ser humano é indiferente à inexorabilidade dos fatos que lhe sucedem.
 - C) é preferível ao homem cair de uma altura muito elevada e não escapar, a cair de uma menor e ficar sofrendo.
 - D) o sentido do provérbio “dos males o menor” aplica-se a muitos infortúnios da vida
 - E) os males físicos são passageiros, mas os que nos afetam o espírito são duradouros.
- O texto que vem a seguir é a letra de uma das músicas de Adoniran Barbosa, o mesmo compositor de *Saudosa Maloca*, *O samba do Arnesto* e *Trem das onze*.

Domingo nós fumus
 Num samba no Bexiga
 Na rua Major
 Na casa do Nicola
A mezza notte o'clock
 Saiu uma baita duma briga
 Era só pizza que avoava
 Junto coas brajola

Nóis era estranho no lugar
 E não quisemo se meter
 Não fumo lá pra brigá
 Nóis fumo lá pra comê
 Na hora h se infieimo debaixo da mesa
 Fiquemo ali de beleza
 Vendo o Nicola brigá
 Dali a pouco escuitemo a patrulha chegar
 E o sargento Oliveira falar
 Num tem portância
 Vô chamando as ambulância.

Aí ele disse assim:
 Carma, pessoal,
 A situação aqui tá
 Muito cínica:
 Os mais pior vai pras Crínica.

Extraído de Elis Regina *no fino do bossa*.
 v. 3. faixa 7, 11.V030. V3.CD.

08. A leitura global do texto permite afirmar que:
- A) a variante linguística usada no texto é inapropriada, pois se trata de um dialeto rural.
 - B) o dialeto usado é urbano, sem nenhuma mistura com outro linguajar.
 - C) o dialeto usado é formado de palavras estrangeiras misturadas com o dialeto urbano de São Paulo.
 - D) o dialeto usado contém traços típicos da linguagem dos imigrantes italianos e do dialeto caipira de São Paulo.
 - E) a linguagem usada no texto contém palavras e expressões típicas de um dialeto urbano misturado com palavras e expressões da língua culta escrita.

- Leia o texto abaixo para responder às questões 9 e 10.

A FORÇA SECRETA DO OBJETO LIVRO

Há um problema com o livro. [...] Depois da máquina de escrever, do telex e dos pesados arquivos de aço, ele estaria na lista dos condenados à morte pelo rolo compressor do computador e da Internet. Em artigos recentes na imprensa, dois eminentes escritores, o americano John Updike e o peruano Mario Vargas Llosa, saíram em defesa, o primeiro do livro notoriamente dito, o segundo deste secular subproduto da indústria do livro que é a livraria. Se o livro precisa de defensores desse calibre, é sinal de que pode estar mesmo em perigo.

Updike alinha uma série de vantagens do livro sobre o texto obtido via computador. Seus argumentos vão da bela figura que os livros fazem como objetos de decoração, capazes de “aquecer e iluminar a sala”, até o lastro que a posse de uma boa quantidade de livros confere à vida de uma pessoa, forçando-a a pensar duas vezes antes de se entregar à tentação de mudar de casa, ou segurando os casais quando, ao impulso de se separar, se contrapõe a dolorosa imposição de dividir a biblioteca. De permeio alinha virtudes mais óbvias, como o fato de, na cama, o livro ser melhor companhia do que “um laptop zumbindo”, e a forma admirável “que se encaixa na mão humana num aconchego sedutor”. Vargas Llosa, ao defender as antigas livrarias, dirigidas por livreiros amantes dos livros, contra as cadeias impessoais e as vendas pela Internet, também, indiretamente, defende o objeto livro. Ele lamenta o fato de em Londres, onde está morando, terem desaparecido as pequenas livrarias da área de Charing Cross [...]. Mas, pensando bem...

Estaria o livro mesmo em crise? Considere-se o que se deu nos Estados Unidos, dias atrás. Centenas de milhares de pessoas, nas lojas, atrás de determinado objeto. Outras tantas encomendando-o, tomando-o emprestado, dando-o ou ganhando-o de presente. E que objeto era esse? Um livro – *Harry Potter and the Goblet of Fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*), da inglesa J. K. Rowling, quarto volume de uma série infanto-juvenil que virou fenômeno. É duvidoso que Updike ou Vargas Llosa se comovessem com o caso. O lançamento de *Goblet of Fire*, com a tiragem avassaladora de 5,3 milhões de cópias, foi precedido de aparato tão característico dos dias que correm quanto a Internet. Propaganda maciça, até em luminosos na Times Square, de Nova York. E, como acontece com o *Beaujolais Nouveau**, um dia preciso, amplamente apregoado, para a chegada aos pontos-de-venda: 8 de julho. Algumas livrarias abriram à zero hora desse dia, para que os consumidores se apressassem a regalar-se. E não faltou gente para comprar, e não faltou fila.

Também não faltou bobeira, diga-se. Pessoas que ficam acordadas até meia-noite, para fazer uma compra, e arrastam consigo os filhos de pijama são seres contaminados pelo mesmo vírus que as empurra a fazer muitas outras coisas porque todo mundo está fazendo, ou pelo menos a publicidade dá a entender que todo mundo está fazendo. Resta que as crianças que compraram o livro, de 700 páginas, e foram fotografadas acariciando o volume como a um bicho de pelúcia, guardarão dele a mesma lembrança que o menino Marcel Proust guardou dos livros que ganhava da avó. Será um objeto sagrado de sua infância. Não é por ora concebível que o texto gerado num computador, inconsistente como o ar, que não se acaricia, nem se deixa integrar à decoração do quarto, venha a exercer tal papel.

O livro tem uma característica que o torna osso duro de roer para a sanha da Internet: o fato de ser mistificado a ponto de virar objeto sagrado. E mistificado tanto pelos que usufruem dele quanto pelos que não usufruem. Para Updike e Vargas Llosa, ele é sagrado porque sem ele a vida não valeria a pena.

65 O sentimento é parecido ao do ator Vittorio Gassman, quando, do palco, contemplando a plateia, pensava: “Como eles podem viver do lado de lá?” Quem vive entre os livros pensa dos outros, igualmente: “Como eles podem viver sem eles?” Mas aqueles que não os cultivam também os reverenciam. Neles identificam a sabedoria, tão alta que não a alcançam, tão desejável que gostariam que os filhos partilhassem dela como eles próprios não foram capazes.

70 Como se sabe, há muitos livros ruins – a maioria –, e, como veículo de circulação de conhecimento e possível distribuidor de sabedoria, o computador pode ser tão eficaz quanto. A maior razão do respeito pelo livro talvez seja outra. Silencioso, imune à exigência da velocidade, ao contrário da totalidade das invenções modernas, e tão despregado do frenesi do *on-line* quanto um cientista louco do blazer da moda, ele se apresenta como lastro num outro sentido, que não o de Updike: o que liga uma pessoa a si mesma.

TOLEDO, Roberto Pompeu. In: *Veja*, 26 jul. 2000. p. 158.

* Certa variedade de vinhos.

09. Segundo o texto é verdadeiro afirmar:

- Como o telex e os pesados arquivos de aço, o livro também está condenado à morte, devido à disseminação do uso de computadores conectados à Internet.
- Entre os argumentos que Updike apresenta a favor do livro está o fato de que uma boa biblioteca pode até evitar o fim de um casamento.
- Toledo critica a compra de um livro por modismo, opondo-se àqueles que alegam que a experiência ajuda as crianças a desenvolver uma relação de amor com os livros.
- Pessoas que não cultivam a leitura não costumam reverenciar os livros nem lhes dar o devido valor.
- Toledo afirma que, mesmo com a expansão das tecnologias da informação, o livro ainda é o meio mais eficaz para circulação do conhecimento.

10. A respeito do uso do acento grave para indicar crase, no texto, assinale a opção que for verdadeira.

- Na linha 3, a crase em *à morte*, sinalizada pelo acento grave, resulta da contração de uma preposição com o artigo indefinido feminino.
- Na linha 14, é questionável o uso do acento indicativo de crase em *à vida*, porque o verbo conferir, transitivo direto, não requer preposição.
- Na linha 42, é inadequado o uso do acento indicativo de crase antes de *zero*, uma vez que se trata de um substantivo masculino.
- Na linha 74, utilizou-se acertadamente o acento indicativo de crase, porque o adjetivo *imune* requer o uso da preposição *a*, a qual se funde com o artigo *a* antes do substantivo feminino exigência.
- Na linha 79, poder-se-ia pôr um acento grave no *a* de *a si mesma*, uma vez que se trata de uma locução adverbial feminina.

11. Considere as seguintes regras relativas ao uso dos pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa:

- Os pronomes A(S), O(S) e suas variantes (LA, LO, NA, NO etc.) funcionam como objeto direto;
- O pronome LHE(S) funciona como objeto indireto e outros termos regidos por preposição (complemento nominal, adjunto adnominal de posse etc.).

Com base nessas regras, assinale a única alternativa na qual o pronome oblíquo átono em destaque foi corretamente empregado.

- Você deve entender que só eu posso ajudar **lhe** com isso.
- Ele amava a mulher, mas ela já não **lhe** tinha afeição.
- Explique-**os** que não posso atender ninguém agora.
- Meninas, isto não **as** pertence. Devolvam-me já!
- Fiz de tudo para deixar-**lhes** bem à vontade.

12. Leia o trecho a seguir, extraído do poema “Navio Negroiro”, de Castro Alves, e marque o que é correto sobre o poema.

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

- “Navio Negroiro” é um poema barroco, o que pode ser percebido pelo tema da morte.
- Trata-se de um poema da primeira fase do Romantismo, quando prevalece um nacionalismo ingênuo.
- Percebe-se claramente que o poema pertence à segunda fase do Romantismo, quando se pratica uma poesia pessimista e voltada para a morte.
- Este poema, escrito na terceira fase do Romantismo, faz crítica social, porque se manifesta contra a escravidão.
- “Navio Negroiro” não pode ser classificado como um poema do Romantismo, porque não idealiza, mostra a realidade nua e crua.

• Leia o texto abaixo para responder às questões 13, 14 e 15.

O PADEIRO

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um *lockout*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

— Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?
“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “Não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno.

Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

BRAGA, Rubem. O padeiro. In: *Para gostar de ler*. v. 1. Crônicas. São Paulo: Ática, 1982. p. 64-5.

13. O gênero de um texto diz respeito tanto à sua função (para que serve) e quanto às suas características formais (como o texto é organizado). Em termos de gênero, como poderíamos classificar a história anterior?
- A) Como um artigo assinado, pois apresenta e discute em profundidade fatos relevantes sobre a entrega de pão e o trabalho jornalístico.
- B) Como uma fábula, porque é uma pequena narrativa cujas personagens são animais que falam e se comportam como seres humanos, visando a um ensinamento moral.
- C) Como uma notícia, porque o objetivo principal é relatar um fato de grande relevância social, a greve dos padeiros.
- D) Como uma crônica, pois é uma narrativa curta, desenvolvida a partir de um fato corriqueiro, do cotidiano.
- E) Como o roteiro de uma peça de teatro, porque se veem as falas das personagens e indicações sobre a organização da cena.
14. Com base no texto, marque a única afirmação correta.
- A) O fato que motivou o narrador a desenvolver sua história foi ter encontrado novamente, nas escadarias de seu prédio, durante a “greve do pão dormido”, o padeiro que dizia ser ninguém.
- B) O narrador do texto, hoje jornalista, também já foi padeiro, por isso compreende a importância dessa humilde profissão.
- C) O narrador, que é jornalista, considera o padeiro menos importante que ele próprio.
- D) Ao contrário do padeiro, que se achava pouco importante, o narrador do texto costumava julgar-se importante quando era mais jovem.
- E) Percebe-se nas falas e atitudes do padeiro profunda mágoa pelo fato de que as pessoas, sem reconhecer a importância de seu trabalho, tratam-no como um ninguém.
15. Ao comparar as atitudes do padeiro com as suas próprias atitudes, quando mais jovem, qual a principal lição de vida que o narrador pode extrair?
- A) Alegria. B) Satisfação profissional.
- C) Humildade. D) Orgulho.
- E) Boa vontade.
16. As palavras monossílabas tônicas só recebem acento gráfico quando terminam em A(S), E(S) ou O(S). Já as oxítonas são acentuadas quando terminam A(S), E(S), O(S), EM ou ENS.

Com base nessas regras, marque a única alternativa na qual todas as palavras destacadas estão corretas quanto à acentuação gráfica.

- A) Ninguém soube bem o porquê de ela chamá-los lá.
- B) Após a chuva torrencial, só sobraram alguns cajús nos pés.
- C) Eu a ví há apenas alguns instantes, aqui junto ao portão.
- D) Um menino nú, cõr de jambo, entrou correndo no armazém.
- E) Ela tráz o café apenas uma vêz por dia.

17. Assinale a única alternativa na qual a(s) palavra(s) em destaque está(ão) corretamente empregada(s), de acordo com o contexto.
- A) Conceição só se aposentará daqui **há** cinco ou seis anos.
- B) Quando nós **mal** havíamos saído de casa, o menino ligou para o meu celular.
- C) É melhor vocês se apressarem, **por que** o ônibus passa em dez minutos.
- D) Se Marta **precisa-se** de ajuda, certamente nos procuraria.
- E) Ontem eles **trabalharão** até mais tarde.
18. Considere os períodos abaixo e assinale o que for correto.
- I. Nada se decidiria antes que os herdeiros chegassem;
- II. Já se encomendou os novos computadores para o escritório;
- III. Impôs-se pesada multa à empresa, devido às irregularidades constatadas.
- A) Em (I), há erro quanto à colocação do pronome oblíquo, que deveria estar em mesóclise.
- B) Em (II), o verbo foi corretamente deixado no singular, uma vez que o sujeito da oração é indeterminado.
- C) Em (III), ambos os acentos indicativos de crase foram adequadamente empregados.
- D) Em (II), tem-se voz passiva analítica, e o sujeito é “os novos computadores”; portanto, o verbo deveria estar no plural.
- E) Em (III), apenas o primeiro acento indicativo de crase é necessário; o segundo é opcional.
19. Considere o excerto a seguir, extraído do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e assinale o que for verdadeiro.
- “Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.”
- A) O trecho refere-se a Jerônimo e à decadência moral que este sofreu ao tomar contato com a natureza e os costumes do Brasil.
- B) A personagem a quem o trecho acima se refere, João Romão, por influência do meio, vai aos poucos perdendo os valores morais portugueses e acaba por tornar-se alcoólatra.
- C) Apesar de fazer parte de um romance do Naturalismo, o excerto acima tem pouca relação com os princípios estéticos dessa escola.
- D) O comportamento do personagem, no texto, afasta-se do determinismo do meio, uma vez que não é influenciado pela natureza e pelos costumes brasileiros.
- E) Do mesmo modo que Jerônimo, cuja decadência se descreve acima, João Romão não se adaptou ao novo meio.
20. Considere os trechos abaixo, também extraídos de *O Cortiço*, e assinale o que for verdadeiro.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.”

“O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.”

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*.

- A) Evidencia-se, nos dois trechos, a preferência naturalista pelos aspectos patológicos da natureza humana, como a loucura e as taras sexuais.
- B) Nos dois trechos, ilustra-se o gosto naturalista por personagens individuais.
- C) Os naturalistas buscavam mostrar os seres humanos como animais, o que se evidencia claramente nos dois trechos anteriores.
- D) Nos dois trechos, transparece o otimismo naturalista: mesmo da lama e do esterco brota a vida, espontânea e vigorosamente.
- E) Contraditoriamente, é no meio desse esterco, dessa lama, que brotam flores como Pombinha e Bertoleza, cujos valores morais inabaláveis servem de contraponto às vicissitudes do meio.
21. Leia o poema abaixo, de Tomás Antônio Gonzaga, e assinale a assertiva verdadeira.

LIRA I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva a guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho casal próprio, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E as mais finas lãs de que me visto.
Graças, Marília bela.
Graças à minha estrela!
(...)

Gabarito

01	02	03	04	05	06	07
E	B	A	A	B	A	A
08	09	10	11	12	13	14
D	B	D	B	D	D	D
15	16	17	18	19	20	21
C	A	B	C	A	C	C